

Editorial

Foi há cerca de vinte anos que, pela primeira vez, defrontei-me com o termo “anarqueologia”, exatamente no artigo “Verdade e mentira dos jogos de verdade”, de Maite Larrauri, do qual o presente número de *Mnemosine* apresenta a tradução.

Por uma daquelas trapças que, entre outros modos de ser, caracterizam a memória – e este número de nossa revista evidencia o quanto esses modos são múltiplos, e de diferentes efeitos ético-políticos –, o termo, para mim, permaneceu associado ao nome da professora espanhola. Somente há alguns anos atrás, quando foi publicado o curso “Do governo dos vivos”, pude perceber que ele fora proposto pelo próprio Foucault, que o utilizou, à época em que as aulas foram ministradas (1980), para caracterizar suas pesquisas, associando-as às de Feyerabend em *Contra o método*.

Ao revisar os artigos que compõem o presente número de *Mnemosine*, julguei que seria extremamente propícia a publicação da tradução do artigo de Maite Larrauri, por mais que já antigo, pois datado de 1994. A meu ver, todos os textos ora publicados estão condicionados pelo triplo caráter do *enunciado anarqueológico*, conforme caracterizado por Foucault e sua (excelente) companheira espanhola de práticas: primeiramente, não há nenhum poder inevitável ou legítimo; em segundo lugar, toda relação de poder é perigosa a partir do momento em que tende a se tornar irreversível e imóvel, porque, congelando os termos da relação, estreita o espaço de movimento da resistência e, portanto, limita fortemente sua liberdade; finalmente, não é preciso aceitar qualquer poder, é preciso se rebelar sempre.

Foi assim que li os artigos do presente número, o que não necessariamente será prescritivo para os novos frequentadores de suas páginas. Mas cabe lembrá-lo, já que *Mnemosine* é mãe de Clio e de outras oito musas, de tanto deitar-se com Zeus. E que a memória se move, muitas vezes e ainda bem, *anarqueologicamente*...

Boa leitura e obrigada aos indispensáveis autores e pareceristas, bem como a Simone Serafim e Daniel Maribondo.

Heliana de Barros Conde Rodrigues